

Uma breve história da crônica e os casos de Aquiles Porto Alegre e Roque Callage¹

Henrique Perin²
Universidade de Lisboa

RESUMO

Esta pesquisa aborda a constituição da crônica como gênero literário e jornalístico, utilizando como exemplos os casos dos jornalistas sul-rio-grandenses Aquiles Porto Alegre e Roque Callage. Para tanto, propõe-se discorrer brevemente sobre a história da crônica, a transformação do gênero no campo do jornalismo brasileiro e os casos específicos dos dois cronistas gaúchos. Utilizando fontes primárias, este trabalho apresentará dados qualitativos e discorrerá sobre as características e particularidades da produção do gênero da crônica nos casos específicos dos jornalistas sulinos.

PALAVRAS-CHAVE: crônica; Roque Callage; Aquiles Porto Alegre; lirismo reflexivo; registro do circunstancial.

CORPO DO TEXTO

Enquanto produto da modernidade, a crônica jornalística³ encontrou espaço nos rodapés dos jornais, revistas e folhas ilustradas. Sua genealogia, entretanto, é distinta: pode ser traçada a partir de *Cronos*, o Deus grego que personifica não só o "tempo eterno e imortal", mas também "o fim de tudo que teve um começo" (Brandão 1986). A crônica, corruptela de *Cronos*, não se esquivava de sua sina e versa sobre a passagem do tempo cotidiano, aquele tempo cronológico e sequencial cuja passagem pode ser mensurada e associada ao movimento linear da vida terrena, com um início, meio e fim. Mas *Cronos* não se extingue em si como um conceito uno do "tempo". Essa analogia do "tempo", do qual *Cronos* é considerado seu Deus, poderia ser ainda dissecada em três conceitos distintos: *khrónos*, *kairós* e *aión*. Pontualmente, *khrónos* refere-se à regulação da sucessão de cronológica, do passar do tempo. Já *kairós* é o "tempo oportuno", é o momento presente que se oferece como oportunidade. E por fim, *aión* é o tempo da experiência, da intensidade da vida (Araújo; Costa; Frota, 2020). A crônica jornalística abarca esses três tempos e foi nos veículos de comunicação que estabeleceu seu espaço de florescimento. A substância de sua escrita é encontrada na amálgama entre o correr do

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Estudos da Comunicação, evento integrante da programação do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 13 a 15 de junho de 2024.

² Investigador Projeto Portugueses de Papel, Universidade de Lisboa. Email: perin82@hotmail.com.

³ O dicionário Houaiss de Comunicação e Multimídia (2013) aponta inúmeros usos e compreensões para o substantivo "crônica", iniciando com sua concepção enquanto produto dos meios de comunicação, passando pela seu status de objeto jornalístico e encerrando com seu emprego pela literatura. Nesta pesquisa não serão realizadas estas distinções, mas sim compreender-se-á a crônica através da natureza fluída que seus conceitos apresentam.

cotidiano, a notícia diária (*khrónos*), entre o momento oportuno de escrita, o “aqui e agora” (*kairós*), e entre a experiência do cronista (*aión*).

Pensamos que seu conceito é moderno, que a crônica é fruto dos jornais, principalmente após a revolução industrial no século XVIII ou, ao menos a partir da criação da prensa de tipos móveis de Gutenberg, no século XV, mas esta é a ideia da moderna crônica jornalística. O gênero da crônica passou por algumas transformações ao longo da história da humanidade, e se em um primeiro momento foi utilizada para o simples relato e registro do circunstancial, com a massificação da imprensa e a progressiva especialização dos jornalistas nesse gênero, um “lirismo reflexivo” foi adicionado para lhes conferir maior proximidade com seus leitores (SÁ, 2005). Por “lirismo reflexivo” compreende-se a dimensão circunstancial sobre a qual a crônica é redigida, é o instante oportuno (seu *kairós*), que também faz parte da condição humana, que transforma uma simples situação em um diálogo sobre a complexidade da vida entre o escritor e o leitor.

O caminho foi longo desde a primeira crônica escrita no Brasil por Pero Vaz de Caminha, em 1º de maio de 1500⁴, até seu formato moderno. Uma característica entretanto, permanece: sua capacidade de estabelecer (ou restabelecer) a dimensão dos fatos e das pessoas. Por ser filha do jornal, a crônica não tem a pretensão de durar. Sua efemeridade é consequência da era das máquinas e da celeridade do tempo, cujo principal objetivo é aproximar a literatura com a vida cotidiana. A crônica é a soma do jornalismo com a literatura, recriando o real. Por isso a sua linguagem é simples, avessa à rebuscamentos. Próxima da oralidade, a linguagem da crônica é livre e solta, como a conversa entre dois amigos.

Em Machado de Assis e José de Alencar, a crônica carregava o cariz de artigo leve. Olavo Bilac, por exemplo, também apresenta em sua crônica leve, mas amplia a dose de lirismo reflexivo, um pouco lírica-humorística, procurando construções gramaticais menos complexas. João do Rio, por sua vez, se inclina para o humor e o sarcasmo, contrabalanceando com seu fetiche pelo esnobismo. Em um local e um momento (o Brasil do início do século XX, para ser mais claro) em que se costuma identificar a superioridade intelectual com a literária por meio da grandiloquência literária e requinte gramatical, a crônica operou milagres de simplicidade, naturalidade e

⁴ Tendo como princípio basilar o fato que a crônica registra o circunstancial, a descrição de Pero Vaz de Caminha em carta para o rei D. Manuel, sobre terras descobertas pela expedição portuguesa em 1500, foi o primeiro registro de uma crônica escrita no Brasil.

engajamento (CÂNDIDO, 1992). A crônica brasileira estabelece uma linguagem geral, lírica, quase alcançando o coloquial, irônica e casual, precisa e vaga, sempre mediada por um diálogo célere entre o escritor e o leitor.

Após esta incursão sobre a crônica, é o momento de apresentar dois cronistas sul-rio-grandenses que tiveram destaque neste gênero: Aquiles Porto Alegre e Roque Callage. Contemporâneos, trabalharam de maneiras distintas suas crônicas. Aquiles Porto Alegre nasceu em 1848 e faleceu em 1926. Jornalista, escritor, biógrafo, poeta, cronista, funcionário público e professor, participou da fundação da Academia Rio-Grandense de Letras em 1901 e do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, em 1920. Membro fundador e um dos principais colaboradores da Revista do Partenon Literário, que circulou entre 1869 e 1879, também foi coproprietário do Jornal do Comércio entre 1884 e 1903 (MARTINS, 1978). Aquiles Porto Alegre escreveu mais de dez livros de crônicas, e todas com o mesmo objeto: a cidade de Porto Alegre e as lembranças do cronista.

Roque Callege nasceu em 1886 e faleceu em 1931. Intelectual, jornalista, cronista e escritor de nostálgicos contos regionalistas acompanhou, na coluna “A Cidade”, no jornal Diário de Notícias, as reformas modernizadoras em Porto Alegre, assim como as consequências que a mesma gerou. Em um momento histórico em que a percepção da ruptura com o passado despertava tanto o entusiasmo pelas novidades quanto o temor da perda das referências culturais, a implantação do sentido da modernidade envolvia não apenas as dimensões técnico-produtivas, mas também valores, comportamentos e práticas, ao passo que o ritmo das transformações sociais nem sempre era coerente com as expectativas criadas. Neste contexto, “A Cidade” desempenhou o papel de púlpito na qual o jornalista expunha suas posições a respeito dos mais variados temas, desde que considerados relevantes para o dia-a-dia de Porto Alegre: a vida artística, a manutenção e a transformação da infraestrutura urbana, os serviços públicos, o comportamento e os hábitos populares, a criminalidade, os flagrantes da Rua da Praia, os assuntos discutidos nas rodas dos cafés, o consumo e a carestia, a transformação do comportamento feminino, a política regional e nacional e, por vezes, a má sorte da população mais carente, os excluídos e marginalizados.

As crônicas de Aquiles Porto Alegre e Roque Callage diferem substancialmente. Relevam-se as distinções no estilo literário: ambos escrevem sobre assuntos diversos, mas

sempre orbitando um mesmo objeto, a cidade de Porto Alegre. Aquiles rememorava a cidade, suas referências e realizava a comparação entre duas Porto Alegres, a real, que ele vivia, caminhava e respirava, e a de duas memórias, uma Porto Alegre idílica e ideal. Já Callage escrevia sobre a Porto Alegre do dia-a-dia, sobre as mazelas às quais a população era submetida. Ambos escreveram durante um mesmo momento temporal e espaço geográfico, mas divergiram no conteúdo de suas crônicas.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Janice Débora de Alencar Batista; COSTA, Rebeka Rodrigues Alves da; FROTA, Ana Maria Monte Coelho. De chrónos a aión - onde habitam os tempos da infância?. In: *Childhood & Philosophy*, Rio de Janeiro, v. 17, maio 2020, pp. 01 – 24.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega**. Petrópolis: Vozes, 1986.

CÂNDIDO, Antônio. A vida ao rés-do-chão. In: **A Crônica**. O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

MARTINS, Ari. **Escritores do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1978.

NEIVA, Eduardo. **Dicionário Houaiss de comunicação e multimídia**. São Paulo: Publifolha, 2013.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. Rio de Janeiro: Editora Ática, 2005.